



# Reunião com o embaixador do Brasil na China, Marcos Caramuru de Paiva

*Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2016*

O Conselho Empresarial Brasil-China realizou no dia 3 de agosto, no Rio de Janeiro, um encontro com o embaixador Marcos Caramuru de Paiva, com a presença de seu presidente, embaixador Castro Neves, e do secretário executivo, Roberto Fendt, além de associados do CEBC.

Em sua apresentação, Caramuru elencou as principais perspectivas econômicas da China. A partir de uma análise das variáveis econômicas e políticas do país asiático, baseadas em sua longa experiência *in loco*, tanto no setor público como privado, Caramuru apresentou as tendências mais relevantes para compreender os novos rumos da China e seus impactos no mundo e no Brasil.

Primeiramente, Caramuru apontou que neste ano a economia chinesa crescerá dentro das margens definidas pelo governo chinês, ou seja, entre 6% e 7%. A discussão sobre o número exato é relativamente estéril, na medida em que o governo central tem capacidade para convergir a taxa de crescimento com a meta estipulada por meio de instrumentos macroeconômicos, como o investimento público.

No longo prazo, é de se esperar que a economia chinesa cresça pelo menos entre 4% e 4,5%, na medida em que se trata de um país em desenvolvimento, no qual o processo de urbanização está ainda em curso, acompanhado pelo aumento da renda média do cidadão.

O setor de serviços vem crescendo a um ritmo maior do que a indústria, e é possível observar na China uma explosão de pequenos negócios nesta área. O governo chinês está em condições de aceitar uma taxa menor de crescimento, na medida em que seja possível manter estável a taxa de desemprego. Neste sentido, o setor de serviços se revela com um grande potencial para a geração de empregos. Por outro lado, o governo mantém de forma artificial empresas do setor industrial no intuito de garantir a estabilidade laboral.

De acordo com Caramuru, a China enfrenta importantes desafios. Dentre eles, a complexa tarefa de reformar as empresas estatais centrais, em busca de maior eficiência. Apesar dos esforços, o governo tem mostrado poucos avanços neste ponto, com dificuldades políticas para implementar este tipo de iniciativa. Na realidade, em muitos casos as empresas estatais centrais tem aumentado sua presença na economia chinesa através da compra de empresas locais.

No que tange o setor financeiro, o governo tem ampla capacidade para capitalizar o sistema. Apesar dos elevados níveis de dívida, não parece haver no horizonte perigo de crise financeira, dada a alta taxa de poupança e o controle governamental do sistema através dos bancos públicos.

Em termos financeiros, deve se constatar que as empresas chinesas estão mudando de mentalidade, se interessando por áreas como *equity finance*. Este tipo de modalidade tem se apresentado principalmente nos investimentos chineses no exterior. Por sua vez, as empresas chinesas começam a aceitar trabalhar com sócios locais, ou até participar como sócios minoritários em projetos no exterior.

Finalmente, Caramuru falou sobre os investimentos chineses no Brasil e suas perspectivas, salientando, em primeiro lugar, o extraordinário processo de aprendizado experimentado pelas empresas chinesas com atuação no Brasil. Tal é o caso da State Grid, que venceu importantes leilões para produção e distribuição de energia elétrica no País, demonstrando capacidade e conhecimento para operar no ambiente legal brasileiro.

No médio prazo, é possível afirmar que o investimento chinês no Brasil avançará a partir de três vetores: compra de participações em empresas e projetos brasileiros; participação em novos leilões públicos; e através da modalidade de *equity finance*. Neste sentido, é de se esperar, em consonância com um processo em escala global, o aumento da presença de investidores chineses em território nacional.